

PARTO E NASCIMENTO: ATUAÇÃO DE ENFERMEIROS OBSTETRAS NO CENTRO DE PARTO NORMAL

Francisco Hans Rhamsés de Oliveira¹

Adriano da Costa Belarmino²

Fernando Fagner da Silva Rodrigues³

Laís Pinheiro da Silva⁴

Fernanda Maria Carvalho Fontenele⁵

Antônio Rodrigues Ferreira Júnior⁶

TRABALHO PARA PRÊMIO: GRADUAÇÃO – EIXO 4: ENFERMAGEM EM SAÚDE DA MULHER E
SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

RESUMO

Este estudo teve como objetivo compreender a atuação e desafios vivenciados pelos enfermeiros obstetras na implementação de boas práticas de atenção ao parto e nascimento no Centro de Parto Normal. Trata-se de um estudo exploratório descritivo, realizado em 2020, em oito Centros de Parto Normal (CPN) autorizados pelo Ministério da Saúde do Estado do Ceará, Brasil. Participaram do estudo treze enfermeiros obstetras. Foram realizadas entrevistas semiestruturada com os participantes, bem como o uso da técnica de análise temática para organizar as informações. Além de repensar o modelo obstétrico e ajudar a organizar as redes de saúde materno-infantil para garantir acesso, aceitação e soluções, as boas práticas podem empoderar as mulheres de várias maneiras. Compreender as perspectivas dos enfermeiros obstetras sobre as boas práticas na assistência ao parto é fundamental para as instituições direcionarem ações permanentes para essas mulheres.

Palavras-chave: Parto humanizado; Enfermagem Obstétrica; Análise de Boas Práticas.

INTRODUÇÃO

O parto é conhecido como uma das mais importantes experiências na vida de uma mulher, considerada como um evento culturalmente respeitoso e sensível. Conforme Fernandes et al. (2021), a forma de manter a autonomia, perceber o nascimento do bebê, e consequentemente a constituição de uma nova família, através da qualidade da atenção realizada durante a gravidez, o parto e após o nascimento pode ter um impacto significativo sobre a vida da mãe e do bebê., o que não tem sido observado nas últimas décadas.

1. Acadêmico do curso de graduação em Enfermagem – Universidade Estadual do Ceará (UECE)

2. Doutorando do programa de pós-graduação em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde – Universidade Estadual do Ceará (UECE)

3. Acadêmico do curso de graduação em Enfermagem – Universidade Estadual do Ceará (UECE)

4. Acadêmica do curso de graduação em Enfermagem – Universidade Estadual do Ceará (UECE)

5. Doutoranda do programa de pós-graduação em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde, docente do curso de graduação em enfermagem – Universidade Estadual do Ceará (UECE)

6. Pós-doutor e Docente do curso de graduação em enfermagem – Universidade Estadual do Ceará (UECE)
rhamsesoliveira@gmail.com

Simões et al. (2022), afirmam que os números absolutos e relativos de cesarianas confirmadas no Brasil são superiores aos de partos vaginais, o que pode ser afetado por fatores como idade gestacional no parto, idade materna e número de consultas de pré-natal.

Nesta perspectiva, os cuidados às mulheres em ambientes de trabalho de parto permanecem amplamente focados na intervenção. Isso pode ser demonstrado por três fenômenos: a prática excessiva da episiotomia, da amniotomia, da medicalização do corpo feminino e da manobra de Kristeller; pelo uso de práticas ineficazes como a tricotomia, a limpeza intestinal, bem como pela epidemia de cesariana, principalmente no Brasil (LANSKY et al., 2019).

Portanto, a inserção de boas práticas de atenção ao parto e nascimento constitui-se em uma das principais estratégias de mudança do modelo obstétrico, de redução da morbimortalidade materna e infantil e de acesso a serviços de qualidade preconizados pela Organização Mundial de Saúde (OMS), o que é reiterado nas políticas de saúde do Brasil como a Rede Cegonha (ANGELIM et al., 2021).

Neste contexto, o estudo objetivou compreender os desafios para a implementação das boas práticas para o parto e nascimento no Centro de Parto Normal na visão dos enfermeiros obstetras, especialmente ao cuidado e atendimento no contexto da enfermagem. Além do mais, as evidências produzidas neste estudo podem contribuir para compreender as práticas baseadas em evidências e seus efeitos positivos, reafirmando as diretrizes e princípios da Rede Cegonha como política pública de combate a medicalização do parto e reafirmação de modelos integrais de atenção ao parto. Destarte, contribui para compreender o enfermeiro obstetra como profissional de destaque na implementação das boas práticas de atenção ao parto e nascimento no CPN no Ceará, Brasil.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório descritivo com abordagem qualitativa, realizado em 2020, em oito Centros de Parto Normal (CPN) habilitados pelo Ministério da Saúde no Ceará, Brasil.

Os participantes desta pesquisa foram enfermeiros obstetras que prestam assistência às parturientes nestes serviços. Foram considerados como critérios de inclusão os enfermeiros obstetras com atuação mínima de seis meses no CPN selecionado e serem pós-graduados em enfermagem obstétrica e neonatal. Como critérios de exclusão, foram empregados: não atendimento ao contato telefônico após cinco tentativas com intervalo de dois dias entre cada uma, ausência de resposta por meio do aplicativo de mensagens assim como desvinculação com o CPN há pelo menos seis meses.

Foram contatados 27 enfermeiros obstetras, dos quais 13 concordaram em fazer parte do estudo, após explicação dos propósitos do estudo e possíveis contribuições. Sete não atenderam as ligações e sete recusaram participação na pesquisa após contato telefônico. Os principais motivos de recusa foram a indisponibilidade de tempo ou desejo de participar assim como receio por vinculações institucionais.

Os participantes que aceitaram participar da pesquisa, concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que foi encaminhado por e-mail e por aplicativo de mensagens. Para manter o anonimato dos participantes, utilizou-se codificação alfanumérica com as letras EO, seguida do número correspondente à ordem do depoimento prestado (EO1, EO2, EO3...). O instrumento para coleta de dados empregado foi um roteiro de entrevista com 12 perguntas abertas, sendo cinco acerca de dados sócio-ocupacionais e sete sobre gestão do trabalho e cuidado do enfermeiro obstetra em CPN. Ademais, contamos com o recurso de gravação das entrevistas após autorização dos participantes, por meio de aplicativo, e foram transcritos os depoimentos com auxílio de programa de transcrição online.

As falas foram fidedignamente respeitadas, transcritas e analisadas, preservando a identidade dos sujeitos, assim como dando total credibilidade aos depoimentos colhidos.

Após a coleta e transcrição dos dados, as entrevistas foram organizadas segundo a técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Essa técnica procura desvendar o que há por detrás do discurso aparente, geralmente simbólico e com vários significados. A análise de conteúdo, enquanto conjunto de técnicas, pode ser utilizada para analisar depoimentos diversos, possibilitando ao pesquisador a compreensão e descrição dos conteúdos das mensagens (BARDIN, 2011).

A investigação respeitou os preceitos éticos postulados na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, os quais se referem à: confidencialidade, autonomia, beneficência, não-maleficência e justiça. Foi solicitado inicialmente a autorização da instituição para realização da pesquisa, e o projeto deste estudo foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa, recebendo parecer favorável, conforme CAEE nº 67591117.5.0000.5534.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Significado de cuidado na visão de enfermeiros obstetras

O parto é um evento social que representa um momento único na vida do casal, envolvendo família e comunidade. Os cuidados recebidos durante este período podem ter um efeito positivo ou negativo na mulher, no recém-nascido e no seu companheiro. Ademais, o

ambiente de saúde afeta a capacidade da equipe de atender às necessidades de assistência ao paciente.

Nesse processo, entendemos que as mulheres precisam do apoio de pessoas próximas, como o marido, amigos e, em suma, alguém que a possa ajudar. À vista disso, os depoimentos a seguir visam conhecer o significado de cuidado na visão de enfermeiros obstetras.

“Pra mim, cuidado é na sua maioria a gente conseguir convencer aquela paciente de que a gente tá ali, a equipe tá ali pra cuidar dela e ela se sentir segura, com aquela equipe. Saber que ela vai poder parir normal e que a equipe vai estar lá cuidando dela. Tanto dela, quanto do bebê, por que a apreensão delas é o quê? A questão da dor. Acha que aquela dor que elas tão sentindo elas vão morrer, que aquela dor é a dor da morte, por isso que elas optam pela cesariana. Tentam optar, porque a gente não deixa, a gente convence, mas é basicamente isso.” (EO7)

“O que eu considero cuidado? O cuidado é desde a hora que essa paciente chega com o chinelo dela que ela está no pé até a hora que ela diz pra mim que ela tá sangrando; que eu sei que o sangramento no trabalho de parto é normal, mas que eu sei que quando ela diz que está sangrando eu tenho que ter um olhar pra ela. Quando também eu não deixo por exemplo que uma dieta pra ela falte no momento do trabalho de parto, já que a gente tem que alimentar elas com dieta líquida. Então isso pra mim é a forma de cuidado, é uma forma bem ampla, integral realmente. Só o cuidado de trazer esse bebê ao mundo, de essa mulher tá parindo de uma forma segura, realmente ele é amplo.” (EO1)

De acordo com Nascimento, Silva e Viana (2018), o cuidado de enfermagem à parturiente se inicia com o pré-natal, pois é considerada a vivência da mulher, a sua história obstétrica atual e pregressa, em que o cartão da gestante é um instrumento importante para obtenção de informações sobre a mulher. As práticas educativas desenvolvidas durante o pré-natal são estratégias de cuidados que auxiliam as mulheres a tomarem decisões para escolherem o melhor para si. Outro depoimento elenca o cuidado efetuado no ambiente do parto:

“O principal cuidado é de você estar próxima com parturiente acompanhando a monitorização fetal materna; também um cuidado muito importante durante este período é a avaliação dos lóquios, a coloração do líquido, a oferta dos métodos não farmacológicos e da oferta do farmacológico para alívio da dor, que a instituição ela oferta quando há possibilidade. Então, isso faz parte do cuidado que eu acho que vai depender muito da sua avaliação, do seu olhar clínico. Que você ver que aquela mulher tá suportando bem o trabalho de parto e está empoderada então, você vai oferecer os métodos não farmacológicos para alívio da dor, que é o ideal para ela naquele momento, mas se você percebe que naquele momento ela não está associando aquela dor que é suportável para ela e muito difícil para ela mesmo, tem a opção da analgesia, tem a opção de outros métodos mais eficazes; então eu acho que também é importante o enfermeiro ter essa visão clínica da necessidade de ser público e da disponibilidade de materiais ou de procedimentos que a instituição permite que é importante no seu cuidado.” (EO10)

Nesse sentido, humanizar o cuidado é identificar personalidades, fazer conexões e sentir sua capacidade de lidar com o processo do parto. O cuidado humanizado é considerado parte da prática de enfermagem. Dessa forma, constatou-se que o cuidado para os enfermeiros

obstetras, pode ser visto de diferentes formas e em diferentes níveis, como o apoio social promovido pelo estado, o apoio de profissionais de saúde, e o apoio de familiares e amigos.

Depoimento de enfermeiros obstetras sobre a presença do acompanhante

No processo parturitivo, a presença de um acompanhante faz-se importante como boa prática para o trabalho de parto e parto. A Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) nº 36/2008, da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, afirma que a presença do acompanhante é de livre escolha da mulher, e que deve ser garantida sua privacidade e a de seu acompanhante, além de garantir a este último atendimento humanizado (BRASIL, 2008).

De acordo com Duarte et al. (2020, p.907), “a valorização da presença do acompanhante, além de ter uma equipe de saúde que assiste a mulher no processo de parto e nascimento tornam-se essenciais para o cuidado centrado nas necessidades da mulher.”

Sendo assim, buscamos compreender acerca da presença do acompanhante durante o parto na visão dos enfermeiros obstetras:

“A presença do acompanhante eu acho que é uma coisa que faz com que este momento seja um momento mais delicado. Que faça com que aquilo não se transforme apenas em experiência hospitalar, mas a mulher se sinta acolhida ali naquele processo. E essa questão da humanização da equipe como um todo, que tá ali pra auxiliar a paciente, ouvir, que não seja só o mecânico em si, nas ações e atribuições de cada profissional, mas tá ali pra dar apoio.” (EO2)

Segundo Jamas, Hoga e Reberte (2013), mulheres que tiveram seus filhos em CPN relataram que a presença do acompanhante durante o parto lhes proporcionou segurança, tranquilidade, amparo e liberdade para demonstrarem o que estavam sentindo, além de terem sido um apoio significativo para a realização de suas atividades.

Entretanto, em decorrência da pandemia por COVID-19, houve inúmeras medidas e restrições para evitar a propagação do vírus SARS-CoV-2. Nesse sentido, nem todas as instituições possuem salas de pré-parto individualizadas, tornando impossível haver o distanciamento recomendado pela Organização Mundial da Saúde em função da pandemia, conforme descrito a seguir:

“Nesse período de que estamos vivendo, agora que é um período difícil, que tem restrição de acompanhantes em várias maternidades. Graças a Deus que na nossa eles já permitiram que continue um acompanhante, que é uma grande contribuição para isso.” (EO6)

Segundo Carvalho e Brito (2016, p. 5), “essa incompletude ou ausência de apoio advindo de pessoas de seu convívio social as influenciaram negativamente, acentuando-se os entraves frente ao exercício do papel materno.”

Para Lima (2016), o impedimento de um acompanhante para a mulher durante todo o momento que a parturiente se encontra no internamento para o parto, assim como ações que dificultem, retardam ou impedem o acesso da mulher aos seus direitos constituídos nos serviços de saúde, pode ser identificado como violência obstétrica.

Boas práticas de atenção ao parto e nascimento no Centro de Parto Normal

A negligência e o desrespeito à gestante na assistência ao parto são cada vez mais frequentes, seja no setor de saúde público ou privado. Os casos vêm à tona através do poder atual da mídia ou das redes sociais, quando as mulheres relatam experiências traumáticas sofridas em momentos naturais da vida, às vezes terminando como experiências puramente cirúrgicas. Diante disso, a seguir são descritas boas práticas que são realizadas no Centro de Parto Normal pelos enfermeiros obstetras.

“Ah pronto. O nosso CPN é bem completo. Ele é um CPN que tem as banheiras, então a gente tenta estimular o parto na água. Se elas não quiserem o parto na água, a gente tenta, pelo menos, o alívio da dor com a água morna. Mas todos são adaptados com chuveiro e com água quente. Nós temos as barras de apoio, nós temos as bolas, nós temos os cavalinhos. E a gente desde o início, desde a classificação de risco delas lá da entrada a gente trabalha com essa ideia do alívio da dor. Sem medicação, explicamos a elas que esse alívio da dor é sem medicação, que não existe medicação e que não existe, porque se não elas vão ficar pedindo, né? Que não existe uma medicação além da nossa realidade pra fazer essa dor dela passar. Aí a gente tenta conversar com elas pra elas entenderem que essas práticas, além de acelerar um pouco o trabalho de parto, conseguir que ela tenha o alívio, mesmo que menor, mas a gente tem essas práticas diariamente. A gente tem até um cantinho lá, que a gente quando vai avaliar os prontuários, a gente avalia se foram seguindo todos os passos com essas pacientes. Porque como o enfermeiro fica muito atarefado, a gente orienta lá na entrada pra quem continua as práticas são as técnicas de enfermagem. Então a gente tem um cantinho lá em que elas preenchem, para saber o passo a passo que elas conseguiram orientar as pacientes sobre qual o método e se elas conseguiram usar.” (EO9)

De acordo com Castro e Rocha (2020), os enfermeiros devem oferecer práticas dignas e respeitadas durante o parto, além de proporcionar uma escuta positiva às mulheres a fim de promover o controle da ansiedade, pois é comum as mulheres vivenciarem esses sentimentos neste momento. Outro depoimento reafirma o desenvolvimento das boas práticas pelos enfermeiros:

“As boas práticas sim, a gente estuda muito isso mais as capacitações ofertadas pelo serviço que sempre a gente revisa as boas práticas. Na verdade, todo enfermeiro obstetra eu acredito que na sua atuação é com base nessas boas práticas, porque hoje ela é muito discutido: as práticas que têm evidência científica comprovada, as práticas que não tem evidência científica que comprovem realmente sua eficácia; então acredito que o enfermeiro obstétrico principalmente, deve focar sua atuação de acordo com essas práticas, ao meu ponto de vista, porque é a prática também orientada pelo próprio Ministério Da Saúde também, não só pela OMS.” (EO5)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência obstétrica, assim como utilização de práticas sem evidências científicas, provoca sofrimento e repercussões na saúde de quem vivencia essa situação, impactando negativamente na qualidade de vida das mulheres.

Frente a esses achados, torna-se essencial o desenvolvimento de ações de sensibilização e orientação para dos profissionais de saúde, com destaque, para os profissionais de enfermagem que está mais próximo do cliente, por meio de programas de capacitação e campanhas de prevenção, para que assim seja oferecida uma assistência humanizada e adequada para o cuidado à saúde no contexto do parto e nascimento.

Conclui-se que os resultados deste estudo trazem importante contribuição para a área da enfermagem por explicitar a violência obstétrica e os cuidados de enfermagem para a prevenção desta prática. Logo, com essa pesquisa, pretende-se que os profissionais reflitam sobre a temática, e possam exercer um cuidado humanizado durante o parto e nascimento.

REFERÊNCIAS

ANGELIM S. M. et al. Caracterização do modelo assistencial ao parto e nascimento realizado por residentes de enfermagem obstétrica. **Enfermagem em Foco**, v. 12, n.4, p. 813-9, 2021. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/4639> Acesso em: 05 mar. 2023

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Ed. Revista e ampliada. Edições 70, LDA, 2011.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução nº 36, de 3 de junho de 2008. Dispõe sobre Regulamento Técnico para Funcionamento dos Serviços de Atenção Obstétrica e Neonatal. Brasília: Anvisa, 2008. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/resolucao-no-36-de-3-de-junho-de-2008/> Acesso em: 04 mar. 2023

CARVALHO, C.F.S, BRITO, R.S. Rede de apoio no ciclo gravídico-puerperal: concepções de mulheres com deficiência física. **Texto Contexto Enferm**. v. 25, n. 2, p. 1-8, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/YFhfQNN8mj8qJxz8CVXYr4y/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 25 fev. 2023.

CASTRO, A.T.B, ROCHA, S.P. Violência obstétrica e os cuidados de enfermagem: reflexões a partir da literatura. **Enfermagem em foco**, v. 11, n. 1, 2020. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/2798/725> Acesso em: 07 mar. 2023

DUARTE, M.R et al. Percepção das enfermeiras obstétricas na assistência ao parto: resgate da autonomia e empoderamento da mulher. **Rev. Pesqui.(Univ. Fed. Estado Rio J., Online)**, p. 903-908, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1103888> Acesso em 04 mar. 2023

Fernandes, A. H. T., Leôncio, A. B. A.,Rodrigues, W. F. G., Braga, L. S.,Silva, J. B.,Araujo, A. C. S. Práticas no parto: análise do cuidado em uma maternidade paraibana. **Revista Nursing**, 2021; 24 (281): 6000. Disponível em:<https://revistas.mpmcomunicacao.com.br/index.php/revistanursing/article/view/1860/2775> Acesso em: 25 fev. 2023.

JAMAS, M.T, HOGA, L.A.K, REBERTE, L.M. Narrativas de mulheres sobre a assistência recebida em um centro de parto normal. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 29, p. 2436-2446, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/VVSkBszmW9TYHd6JKr6dMxv/abstract/?lang=pt> Acesso em 04 mar. 2023

LANSKY, S. et al. Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 2811- 2824, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/66HQ4XT7qFN36JqPKNCPrjj/abstract/?lang=pt> Acesso em 04 mar. 2023.

NASCIMENTO, F.C, SILVA, M.P, VIANA, M.R.P. Assistência de enfermagem no parto humanizado. **Revista Prevenção de Infecção e Saúde**, v. 4, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/nupcis/article/view/6821/0> Acesso em 04 mar. 2023

SIMÕES, A.D. et al. Perfil epidemiológico dos tipos de parto realizados no Brasil: análise temporal, regional e fatorial. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 11, n. 7, pág. e0211729678-e0211729678, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/29678> Acesso em 07 mar. 2023